

**DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL
MOÇAMBICANA**

Daniele de França Nolasco (UFAC)

danielenolasco@hotmail.com

Sueli Pereira Martins (UFAC)

sueliibm@hotmail.com

Antonieta Buriti de Souza Hosokawa (UFAC)

antonietaburiti@ig.com.br

1. Introdução

“Humba vayilandza hi rihlakahla”

O caracol segue-se pela baba.

(Provérbio Changana)

A sociedade tradicional em Moçambique, ao longo de séculos da sua permanência no seu *habitat*, pratica diversas atividades inerentes à sua cultura e ao próprio ambiente, essas são transmitidas de geração em geração, são perpetuadas, portanto, até os nossos dias. Essas atividades compreendem diversas seções como: produtivas, educativas e recreativas.

Das atividades produtivas salientamos: a caça, por uma questão de sobrevivência do homem, foi a primeira atividade a aparecer e que até hoje é a principal para algumas tribos, a agricultura que é a atividade mais importante de todas, o artesanato, a olaria, o comércio, a indústria, pesca e navegação.

Com relação às atividades educativas temos a oratória em todas as suas manifestações: contos, lendas, adágios, adivinhações, provérbios e ensinamentos. Quanto às atividades recreativas incluem-se as danças e a música.

Há outras atividades muito praticadas em Moçambique, das quais podemos citar a medicina tradicional e a ciência oculta.

Em se tratando da habitação, a sociedade tradicional Moçambicana adota o tipo de palhotas redondas ou quadradas conforme as regiões, mas por influência europeia e asiática, muitos já possuem casas construídas em alvenaria, principalmente nos grandes centros.

A agricultura é, essencialmente, praticada pelas mulheres, mas não podemos considerar esse fato como índice de escravidão, pois segundo a raiz da tradição africana a mulher é a origem da vida e esta surge na terra à qual se mantém-se ligada a humanidade através da mulher. A alimentação varia de região para região. Quase sempre se dá à base de farinha de milho, mapira, machoeira, arroz, porém, em algumas zonas também farinha de mandioca é consumida, acompanhados com carne de bovino, caprino, suíno, peixe, feijão-nhema ou manteiga, amendoim com folhas de abóbora, batata doce, mandioca ou de ervas que são recolhidas no mato. Além disso, em alguns lugares, alimentam-se também de crocodilos, larvas, lagartas e gafanhotos, além de cães e gatos. À mulher e às crianças, caso haja, cabem os deveres domésticos. As mulheres devem submissão total aos homens, porém os homens são livres e podem praticar a poligamia. Suas vestimentas, principalmente as das mulheres, são feitas com tecidos coloridos, os quais chamam de capulana, fazem fatos (roupas para festas), ou simplesmente amarram ao corpo.

Toda herança cultural está profundamente inserida no âmbito da união vital, que tem o seu ponto de partida na comunhão do mesmo sangue e prolonga-se na participação dos mesmos meios existenciais. Entre esses meios tem lugar privilegiado a linguagem: Criação e herança dos antigos, por isso há o dever sagrado de guardá-la, transmitindo-a, e de usá-la, enriquecendo-a.

2. *Situação linguística em Moçambique*

Até meados do século XVIII, a administração do território moçambicano era feita pela Índia (e não diretamente por Portugal). A presença portuguesa começou a fazer-se sentir apenas a partir de 1918. Foi neste período que se iniciou o processo de colonização dessa região, pois foi nesse período que o governo português começou a preocupar-se em lançar um sistema de educação mais sólido naquele país.

Em 1962, foi declarada uma luta armada contra o regime colonial. A Frelimo, grupo que lançou esta luta, precisou encontrar uma língua que servisse para comunicação entre os seus membros, pois esses vinham de diferentes regiões do país, e o português foi a língua escolhida. Por isso o português é considerado a língua do poder dominante desde que foi utilizado em Moçambique: foi primeiramente a língua do colonizador, e, depois da independência, foi a língua escolhida pelo grupo que tomou o poder central. No que diz respeito ao ensino, o português é a única língua

utilizada na escola. Segundo a política assimilacionista: “O colonizado deve adotar a língua e a cultura do colonizador, por isso fala-se português desde o primeiro dia de escola”. Portanto, falar português hoje em Moçambique significa que se pertence a uma minoria que tem acesso à escola e que habita nos centros urbanos.

Dezesseis milhões de habitantes, dos quais mais de 95% tem uma língua da família banto³⁷ como língua materna.

Enquanto outras civilizações inventaram e utilizavam a escrita, pelo menos três mil anos antes da nossa Era, o povo Banto viveu sob o signo da oralidade quase até aos nossos dias. Ninguém sequer encarou a possibilidade de exprimir o pensamento por meio de sinais ou símbolos, gravados em qualquer material caseiro que a natureza fornecesse.

Se este fato nos espanta, a nós, filhos da civilização da escrita e do livro, maior admiração nos deve causar o seguinte:

Como foi possível criar, aperfeiçoar e transmitir durante séculos, de geração em geração, não só uma linguagem uniformemente estruturada, bem como um rico e vasto patrimônio cultural, sem utilizar a escrita? (RIBEIRO, 1998. p. 7)

Se para o patrimônio cultural podemos recorrer, como explicação, à memória extraordinária do negro, posta ao serviço dos veículos da palavra por ele criados, quanto à língua propriamente dita talvez nunca chegemos a saber como nasceu, evoluiu, se aperfeiçoou e se fixou até à fase em que hoje a encontramos, verificando estar diante de uma língua muito antiga, rica e original.

O número de línguas e variantes listadas para Moçambique são 32, sendo elas: Chopi, com aproximadamente 760.000 falantes; Chwabo 664.279 falantes; Koti 41,287 falantes; Kunda 3.258 falantes; Lomwe com 1.300.000 falantes; Makhuwa-maca, com 300.000 a 400.000 falantes; Makhuwa-makhuwana, com 2.500.000 falantes; Makhuwa-metto, com aproximadamente 1.500.000 falantes; Makhuwa-shirima, com 900.000 falantes; Makonde, com 360.000 falantes; Makwe, com 20.000 a 300.000 falantes aproximadamente; Manyika, com aproximadamente 100.000 falantes; Marendje, com 402.861 falantes; Mwani, com 100.000 falantes; Ndau, com aproximadamente 109.000 falantes; Ngoni, 35.000 falantes; Nsenga, com aproximadamente 141.000 falantes; Nyanja, com

³⁷ Aportuguesamos a palavra *bantu* para “banto”, porque não há paroxítonos em português terminados em “u”.

423.000 falantes; Nyungwe, com 262.455 falantes; Podzo, com 86.000 falantes; português, língua oficial de Moçambique e com aproximadamente 40.000 falantes; Ronga, com 423.797 falantes; Sakaji, com 18.000 falantes; Sena, língua com aproximadamente 1.086.040 falantes; Shona, com 759.923 falantes; Swahili, com 6.104 falantes; Swati, com 731 falantes; Tonga, com aproximadamente 223.971 falantes; Tsonga/Changana ou Ronga com 1.500.000 falantes; Tswa com 695.212 falantes; Yao, com aproximadamente 194.107 falantes; Zulu, com aproximadamente 1.798 falantes.

A língua materna mais frequente em Moçambique é o Makhuwa (26.3%). Em segundo lugar está o Changana (11.4%) e em terceiro o Lomwe (7.9%). Tais percentuais são bem observáveis na Figura 1, a seguir:

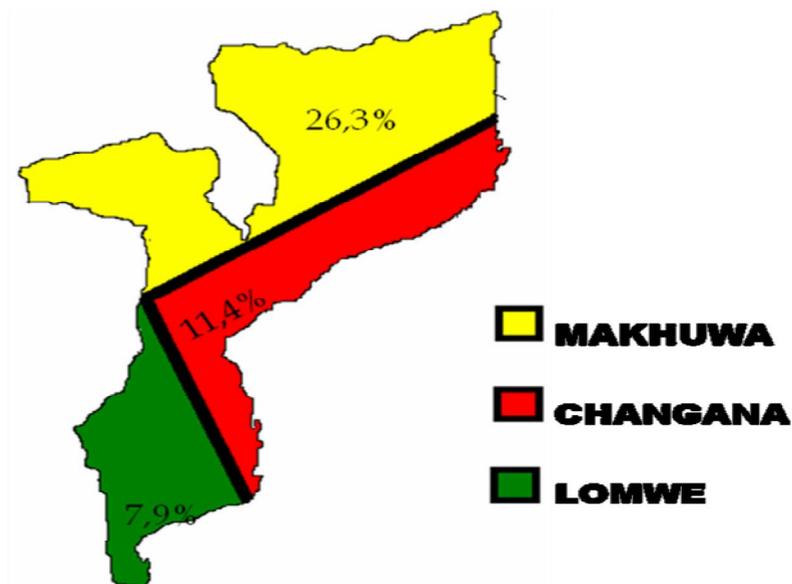


Figura 1: Línguas mais frequentes em Moçambique

Vale a pena mencionar, que a língua portuguesa como língua materna é apenas de (6.5%) sendo, portanto, uma percentagem muito baixa, um pouco mais alta é a percentagem dos que usam o português para falar em casa (8.8%). Para melhor visualização desses percentuais apresentamos a Figura 2:

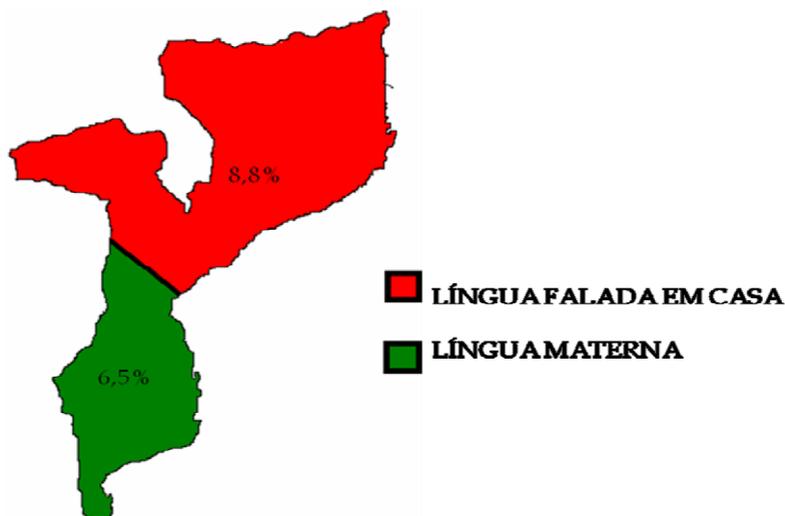


Figura 2: Situação linguística em Moçambique

Nas áreas rurais, as línguas nacionais são predominantes, a percentagem de pessoas que falam o português como língua materna ou como a língua mais falada em casa é apenas de 2.0% e 1.4%, respectivamente. Percebemos, assim, a vasta maioria das pessoas que tem a língua portuguesa como materna residem nas áreas urbanas do país e são os cidadãos urbanos, principalmente, que adotam o português como língua de uso em casa.

3. O léxico e a sintaxe

O léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa a herança sociocultural de uma comunidade, por esse motivo achamos pertinente apresentar alguns exemplos de verbos que apresentam diferença sob o aspecto semântico-lexical entre o português de Moçambique e o português de Portugal.

ADMITIR

Eles não eram admitidos para chegarem lá. PM

Eles não eram autorizados a chegarem lá. PE

NASCER

O que é importante é alguém ter nascido estes homens. PM

O que é importante é estes homens terem nascido. PE

A pessoa fica sem nascer. PM

A pessoa fica sem dar à luz. PE

DESPEDIR

Foi escrever uma carta despedindo o padre. PM

...despedindo-se do padre. PE

A descrição do português moçambicano requer o uso de instrumentos de diferentes tipos, consoante se trata de observá-lo como língua natural, “normal”, ou como pertencendo ao sistema provisório dos aprendizes. Gonçalves (1994), investigadora da gramática do português moçambicano, afirma que “os dados obtidos na caracterização desta gramática transitória podem, por sua vez, serem tornados como fatores determinantes na mudança do português em Moçambique, isto é, na formação do PM”. Gonçalves (1994) ainda ressalta que

é cedo encetar a padronização do chamado português moçambicano, porque lhe faltam elementos estabilizados que possam ser assumidos como património linguístico comum por todos os falantes da versão moçambicana do português.

Mesmo os moçambicanos mais ocultos lidam com a língua portuguesa através das chamadas competências múltiplas, o que significa que não falam da mesma maneira e não oferecem, por enquanto, material para a padronização da língua.

Os pressupostos teóricos dos estudos linguísticos em Moçambique são variacionistas e funcionais da fora em uso nos enunciados orais dos moçambicanos.

Em se tratando dos estudos sintáticos dos falantes da região, podemos afirmar que são caracterizados pela ruptura de três barreiras, ao mesmo tempo: preocupa-se com a situação da _____

PM – português moçambicano

PE – português europeu

língua portuguesa na África; examina relações entre discurso, enunciação e fatores sócio-históricos e analisa as relações sintáticas em mudança, à luz da modernidade.

Ribeiro (1998) ressalta que “as figuras de sintaxe, e sobretudo a linguagem, falam mais que o espírito(...)altera a ordem ou a regularidade da construção da frase”. Ele classifica algumas expressões moçambicanas passadas para o dialeto *changana*. Eis aqui algumas figuras de linguagem que fazem parte da riqueza idiomática desse povo:

• **Comparação**

Nkuku ni mbaha
(galo e frango) andam sempre juntos

Wuhlalo ni ngoti
(Contas de missanga e fio) amigos inseparáveis

Nhongana ni xilondza
(A mosca e a ferida) amigos

Nfula ni ribze
(A noz e a pedra) inimigos

K uva nghala ou *nghonyamo*
(ser leão) ser bravo, forte

K uva nfhene
(ser macaco) ser sujo, ladrão

Ku hlela mhaka
(peneirar a questão) examinar bem

• **Metáfora**

Ku va xitseka
(ser uma vasilha de pôr de molho) beber muito

Ku nghena mbilwini
(entrar no coração) impressionar

Ku khotsa ntxila
(enroscar a cauda) ter medo, fugir

Ku kutsa rhambu
(rapar o osso) finalizar a questão

• **Metonímia**

Ku rhandza djomela
(gostar da caneca) gostar de beber

Ku mila timhondzo
(nascer cornos) ser agressivo

Va Le hansi
(os debaixo da terra) os mortos

Va nkava wuñwe
(os de um só umbigo) gêmeos

Ku dzahisana fale
(deixar rapé um ao outro) namorar

Ku veka libambu
(pôr a costela) deitar-se
Ku huma mbita ou
(emprestar os olhos) ir em vez de outro

• **Hipérbole**

A phuza a khawula maboha-nanga
(beber até chagar à maçã-de-adão) beber muito

Matihlo ma huma ngati
(os olhos deitam sangue) grande dor, grande zanga

Ku nona kA ku fa
(gordura de morte) muito gordo

• **Outras**

<i>Ku dunga tinhloko</i> (mexer as cabeças)	perturbar
<i>Ku bola m miyanakanyo</i> (apodercer os pensamentos)	pensar mal
<i>Ku bola nomu</i> (apodrecer a boca)	ser malcriado
<i>Ku boxa wukati</i> (furar o casamento)	bom casamento
<i>Ku dja mbitsi</i> (comer amargura)	grande infelicidade
<i>Ku felá mbongolo</i> (morrer por um burro)	trabalhar em vão
<i>Ku hlaya</i> (contar centenas)	ter muita saúde
<i>Ku vuyiisa nhloko</i> (trazer a cabeça)	não encontrar
<i>Ku tsema wuxaka</i> (cortar o parentesco)	deixar de ser amigo

Uma construção que se pode considerar como característica dessa língua é o uso muito frequente de ações, qualidades, modos de ser, desde as atribuições mais sublimes até às humorísticas e depreciativas. Consiste no uso do verbo **Ku va – ser**, seguido da preposição **ni**, literalmente **ser com**, isto é, **ter**. A frase toma assim um sentido mais incisivo.

4. Considerações finais

Ao fazermos um profundo estudo comparando das várias línguas do ramo banto, por mais superficial que seja, não deixaremos de perceber

a unidade de origem de todas elas. Quando a população cresceu e/ou migrou de uma região para a outra, cada grupo levou consigo um núcleo primitivo do falar comum que, depois, em ambientes e circunstâncias diferentes, deu origem às várias línguas e dialetos. Guardou-se, no entanto, a estrutura fundamental e muitas das raízes primitivas. Entre essas raízes é possível citar, como exemplo, a raiz mais conhecida *ntu*, plural *bantu* (em changana *munhu*, plural *vanhu*), raiz que viria a ser adotada para designar esta grande família de povos e o conjunto das várias línguas por eles faladas.

Verificamos ainda, que não é tão simples falar do português africano, para tanto, seria necessário fazer uma pesquisa sistematizada, buscando abordar os diversos campos das ciências, como por exemplo: o léxico, a sintaxe e a fonética. Tomando como base as diferentes perspectivas de observação propostas ao longo desta exposição, foi possível confirmar a sua existência de um ponto de vista histórico-geográfico. As inúmeras lacunas de conhecimento sobre o português falado nos diferentes países africanos não nos permitem ainda ter uma visão de conjunto sobre a situação linguística para tecermos considerações válidas e rigorosas.

Por fim, a língua, com a sua estrutura característica, não é só uma criação original desta cultura, mas um maravilhoso instrumento capaz de exprimir toda a gama de pensamento, até as noções mais abstratas e sublimes da vida; é capaz ainda de evoluir e crescer. Numa adaptação digna às modernas exigências de expressão e comunicação, sem mesclar nem perder a sua originalidade, tornando-se irreconhecível. Como afirma P. Armando Ribeiro (1998, p. 7), *a língua é o mais límpido espelho da alma de um povo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIPIRE, Felizardo. *A educação tradicional em Moçambique*. 2. ed. Maputo: Publicações Emedil, 1996.

GONÇALVES, Maria Perpétua Morgado. *A construção de uma gramática de português em Moçambique: aspectos da estrutura argumental dos verbos*. Tese de doutorado, Lisboa, Faculdade de Letras, 1991.

_____. *Português de Moçambique: uma variedade em formação*. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane. 1996.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

HEDGES, David (Coord.). *História de Moçambique: Moçambique no auge do colonialismo 1930-1961*. Vol. 2. 2. ed. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1999.

LÍNGUAS de Moçambique. Disponível em:

http://cclm.liviodemorais.com/linguas_de_mocambique.php.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Atlas geográfico*. República Popular de Moçambique, 1983, 2 vols.

RIBEIRO, P. Armando, C. M. *Valores da linguagem e antroponímia* (Estudo sobre a língua vhangana). Maputo: Paulinas, 1998.